

# O CORPO COMO SUPORTE NA ARTE DA TATUAGEM

## EL CUERPO COMO SOPORTE

Jamily Tuanny Alves da SILVA<sup>1</sup>

Orientação: Maria Betânia e SILVA<sup>2</sup>

### RESUMO

O texto tem como objetivo principal refletir sobre o tema da tatuagem e o uso do corpo como suporte para a sua produção artística. Apresenta relatos e reflexões pessoais de uma vivência particular com a prática da tatuagem desenvolvida, paralelamente, ao período de formação acadêmica no curso de Artes Visuais. Ao se discutir, pesquisar, investigar sobre tatuagem e seus processos de produção e criação, é impossível separar o diálogo com o corpo enquanto suporte pictórico. A importância da linguagem artística para o universo humano, que tem a tatuagem como ferramenta de expressividade, carrega em si o fruto do encontro do corpo com o mundo e o desejo de conservar algo na memória. Ao expandir para outras superfícies, a arte de tatuar revela o que marca e não limita seus fins estéticos.

Palavras-chave: Prática artística, tatuagem, corpo, artes visuais.

### RESUMEN

El objetivo principal del texto es reflexionar sobre la temática del tatuaje y el uso del cuerpo como soporte de su producción artística. Presenta relatos y reflexiones personales de una experiencia particular con la práctica del tatuaje desarrollada, en paralelo, al periodo de formación académica en Artes Visuales. A la hora de discutir, investigar el tatuaje y sus procesos de producción y creación, es imposible separar el diálogo con el cuerpo como soporte pictórico. La importancia del lenguaje artístico para el universo humano, que tiene el tatuaje como herramienta de expresión, lleva consigo el fruto del encuentro del cuerpo con el mundo y el deseo de conservar algo en la memoria. Al expandirse a otras superficies, el arte del tatuaje revela lo que marca y no limita sus fines estéticos.

Palabras clave: Práctica artística, tatuaje, cuerpo, artes visuales.

1 Licenciada em Artes Visuais pela UFPE. Artista Visual. Tatuadora.

2 Doutora em Educação pela UFMG. Mestre em Educação pela UFPE. Licenciada em Artes Plásticas pela UFPE. Graduanda em Filosofia pela UFPE. Professora da Graduação e Pós-graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB.

## O CORPO COMO SUPORTE NA ARTE DA TATUAGEM

### CAMINHOS INTRODUTÓRIOS

A motivação, para tratar de um tema que possibilita inúmeros sentidos, se construiu na trajetória da minha Graduação em Artes Visuais. Mantive desenvolvendo, em paralelo à minha formação acadêmica, um conhecimento intrínseco e empírico com a tatuagem. Essa aprendizagem foi acontecendo gradativamente e fui desenvolvendo familiaridade com a prática e os processos criativos regidos pela estética desse universo. Comecei tendo a curiosidade em gravar na minha própria pele e depois passei a ter a experiência como tatuadora. A partir disso, tive vivências fora do âmbito acadêmico que me direcionaram e impulsionaram para um desenvolvimento pictórico com as ferramentas especializadas de *tattoo*<sup>3</sup>. Pouco a pouco, fui introduzindo e aplicando a este aparato, os conhecimentos obtidos por meio dos sentidos, das experiências, das variadas técnicas, já conhecidas, incluindo uma aproximação dos processos artísticos e ampliando um repertório dos procedimentos da prática com tatuagem.

Dentro da graduação em Artes Visuais, tive a oportunidade de ser apresentada a discussões mais profundas sobre as potencialidades poéticas do corpo. Componentes curriculares como arte e antropologia - e muitos outros vivenciados - desenvolveram um despertar crítico sobre as minhas produções artísticas. Naturalmente, fui experimentando dentro dessa prática uma mediação entre corpos e imagens. Tais permanências influenciaram totalmente a minha produção artística e a perspectiva sobre o corpo e as suas possíveis relações simbólicas.

A ação com a tatuagem, como função, varia e sempre se fez presente diante da manifestação de expressividade do corpo, até antes mesmo de ser legitimada. Ressaltamos que o indivíduo em algum momento de sua trajetória pessoal, adquiriu suas respectivas marcas pessoais e passou a associá-las a uma lembrança de acontecimentos especiais, agregando emoções, tornando assim visíveis as suas capacidades de revisitar uma passagem no tempo, lugar e o pertencimento do próprio corpo.

No atual momento, o mercado da tatuagem vem ganhando uma maior notoriedade, em consequência de variados avanços, incluindo as mídias sociais e os trabalhos científicos sobre o tema. É diante de tais contextos persistentes que surgem os fenômenos da mutação sobre a prática para a desagregação da marginalidade aos adeptos dessa arte. Em continuidade, a posição do profissional tatuador entra em uma cena, que até então era considerada informal. Os interessados na profissionalização ainda encaram os aspectos sobre a ausência de formação formal, pois não existe uma regulamentação institucional clara e precisa referente às exigências necessárias para a prática da tatuagem.

Sem necessitar de uma formação acadêmica, ou de qualquer outra especialização, o profissional é marcado e se insere nas práticas informais, muitas vezes, por ser vista socialmente como uma banalidade e a prática da *tattoo* considerada como marginal. Consequentemente, o conhecimento dessa prática é baseado na experiência e na observação com o público. Por isso, o empirismo exposto lida com questões muito sérias como a saúde e a ética. Essa problemática foi abordada na pesquisa transversal quantitativa, desenvolvida em 2019, por Luiza Cristina Moraes Silva. A autora investiga as condições de trabalho dos profissionais de embelezamento, estética e tatuagens no município de Goiânia, bem como a aderência às normas de biossegurança necessárias para a execução da atividade.

<sup>3</sup> O uso do termo *tattoo* (em inglês), possivelmente, tem origem na Polinésia e é largamente utilizado entre os profissionais e os consumidores da tatuagem. Para outras informações ver: <https://blog.tattoo2me.com/tattoo-a-origem-da-palavra-e-suas-ramificacoes>.

O corpo tatuado continua sendo calado, ameaçador e exotificado. A *tattoo* constitui-se uma representação simbólica da civilização em que está inserida, se estende durante o tempo, na tradição e na atualidade, reflete a propagação massiva de imagens que estampam os corpos urbanos. Em se tratando dessa arte, há persistência e resistência.

Evidentemente, me vejo uma “aventureira”. É estranho reconhecer que hoje, após um determinado tempo do processo estabelecido com a prática de *tattoo*, adquiri e acumulei os conhecimentos através das minhas experiências diárias e da minha relação com o meio. Nesses últimos quatro anos, fiz uso de uma educação informal em meu trabalho com tatuagem.

Esse texto busca refletir sobre o tema da tatuagem e o uso do corpo como suporte para a produção artística da tatuagem.

## **DIÁLOGOS COM E SOBRE O CORPO**

Para chegar na atual discussão sobre a concepção do corpo, precisamos levar em consideração a reflexão sobre as diversas manifestações da arte corporal e a sua ocidentalização e modernização. O corpo não é um suporte “neutro”, contém em si muitas facetas de poéticas contemporâneas. O corpo, que hoje permanece, teve sua construção na história da civilização sujeita às variações e mudanças na correspondência da sociedade em um determinado ponto do tempo, refletindo a cultura em que está inserido e o domina.

No corpo estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contacto primário do indivíduo com o ambiente que o cerca. (DAOLIO, 1995, p. 105).

A partir do contexto do século XX, paralelamente ao surgimento da necessidade de se compreender o homem como uma totalidade, considerando a importância da afetividade e do inconsciente como objeto de estudo, foi que a construção do “eu”, do “outro” e da “realidade” se fortaleceu.

Em alguns exercícios, durante a formação em Artes Visuais, fui incentivada a repensar o corpo e sua relação com a arte. Assim, pude experimentar, através de alguns trabalhos, como a antropologia nos impulsiona a discutir sobre arte e estética, retomando uma perspectiva crítica e culturalista. Em 2016, produzi um vídeo-arte que se baseia em uma performance, realizada no componente curricular Arte e Diversidade Étnico Cultural que cursei na Universidade Federal de Pernambuco.

Imagem 1: Trabalho performático



Fonte: Acervo pessoal, 2016.

A imagem acima é um registro desse acontecimento, no qual em um processo sequencial, me enrolo nua a um fio de arame repetindo a palavra “nada”, que soa como uma espécie de mantra. A ação tem como início o pé e como fim a extremidade superior da cabeça. No processo, o corpo é fragilizado, fica pressionado e entrelaçado contra o aço, que isola e limita as extremidades corpóreas. A formação ganha uma repetição e diante da expressão, fui posta a vivenciar o meu interesse pelo uso do corpo como suporte artístico na construção da performance. Ponho em contrapartida o corpo em seu estado laico, livre de preconceitos prévios e impostos socialmente, e exploro a função intelectual e moral destinada ao mesmo, como a postura dos segmentos de crença, a formação do indivíduo e a sua finalidade psicossocial.

Henri-Pierre Jeudy (2002), baseando-se na psicanálise, apresenta os corpos nas sociedades “primitivas”, que ao praticarem a pintura corporal, atuavam como objeto de cerimônia, representando a transgressão ritual e tabus. No que diz respeito a uma inscrição simbólica, o corpo, marcado por tatuagens e escarificações, ganha uma impressão de caráter durável, sendo permanente e formando o conjunto no que quer dizer processo secundário. Como tatuadora e tatuada, presencio uma constante busca com o uso do corpo para a construção de marcas voluntárias. A minha intenção com a tatuagem sempre foi questionar a durabilidade e os fins ornamentais.

Jeudy (2002) aponta que diante da nossa consideração sobre a percepção do corpo e de suas representações simbólicas, há uma constância na obrigatoriedade de tratar como referencial a parte do “estágio do espelho” discutida por Lacan (1998) como formalizadora da imagem especular, direcionada para a função do eu.

No artigo, *O estágio do espelho como formador da função do eu* (LACAN, 1998), tal como se revela na experiência psicanalítica, o indivíduo passa pela influência da dialética social. Uma vez existindo, adquirindo a existência com a visualidade ou por uma troca estabelecida, a imagem reflete o que foi extraído. Assume uma série de gestos experimentados oriundos do seu meio ambiente. Importante destacar que o autor não põe esse complexo virtual com a realidade como causa única. Ou seja, a dimensão social continua a existir como o horizonte da pesquisa psicológica.

Lacan afirma que se deve

[...] reconhecer, na captação espacial que manifesta o estágio do espelho, o efeito, no homem, anterior mesmo a essa dialética [a dialética social], de uma insuficiência orgânica de sua realidade natural [...]. (LACAN,1998, p. 96).

Nesse momento, abstrair um pouco a necessidade de se referir a ela como causa última, acredita o autor, é o olhar sobre a percepção do corpo e sua ontologia que traz a representação de uma pessoa formada no inconsciente, durante a infância e é mantida conservada de forma idealizada na idade adulta.

O livro *O corpo como objeto da arte* (JEUDY, 2002) oferece uma reflexão diante do sentido da obrigatoriedade tomada pela arte moderna no século XX, em tratar da indefinição humana e da desintegração das ilusões do humanismo como sendo transversal aos fundamentos conceituais sobre a percepção do corpo e a sua relevante representação simbólica. É de intuir que, de acordo com as projeções contemporâneas, o direcionamento tomado pela perspectiva das cultuadas pinturas corporais ou de qualquer outra expressividade que envolve o corporal, sobre a sua objetificação como obra de arte, tenha suas inúmeras variedades de complexidade reinventadas, mas sempre sendo a arte indissociável do corpo e, conseqüentemente, de suas memórias, sendo estas progressivas para os impulsos e capacidades criativas.

Tratando da propriedade do meu corpo que é presente, sinto que ele é marcado com o armazenamento da sua memória e seu encontro com o mundo. Nele percebo que está estruturado e ilustrado aquilo que internalizei do mundo exterior existente.

A percepção do corpo e de sua representação simbólica é proposta por Merleau-Ponty na seguinte questão:

A definição do objeto, nós o vimos, é a de que ele existe *partes extra partes* e que, por conseguinte, só admite entre suas partes, ou entre si mesmo e os outros objetos, relações exteriores e mecânicas, seja no sentido amplo de uma relação de função variável. Se se quisesse inserir o organismo no universo dos objetos e encerrar este universo através dele, seria preciso traduzir o funcionamento, a dependência linear entre o estímulo e o receptor, entre o receptor e o Empfinder. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 111).

Vale ressaltar que a construção da corporeidade é envolvida pela expressividade artística. Trabalhando como tatuadora trago imagens que adquirem novas interpretações quando expostas a possibilidade de registro na pele do outro. Contudo, me deparo com a elaboração de desenhos que fazem parte do processo que possa remeter uma unidade ao sujeito, que procura na tatuagem associar a sua completude. É nessa situação que a criatividade se liberta das fronteiras impostas pela tradicionalidade repercutida na estética estabelecida pela antiga escola de tatuagem para uma contemporaneidade.

No livro *O corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem*, a autora Beatriz Ferreira Pires (2005) traz, em seus dois primeiros capítulos, a história da representação social do corpo, desde os primórdios até os nossos dias. Cita que o corpo, em quase todas as sociedades, tem recebido influências culturais, considerando passar agora, no período histórico em que nos encontramos, por radicais transformações.

Percebo, em minha prática, a procura pelo lugar de expressividade do corpo como uma espacialidade conquistada e gradativamente explorada. Quando sugerida a possibilidade da ultrapassagem da superfície do corpo, é iniciado um rompimento com determinadas barreiras, sociais e pessoais.

Nesse sentido, a primeira tatuagem nem sempre é a primeira modificação corporal, mas tem a sua parcela em um todo pela busca de reafirmação do corpo. Originalmente, o corpo está sujeito a uma corrosão, que é oriunda da própria natureza humana, da individualidade de cada um, fazendo ele caminhar numa transição infinita e corriqueira por inúmeras modificações. Reparo que o encontro com a cicatriz sugerida é assertivo por sua naturalidade, e provocar um sinal com o intuito de significância, apresenta uma função unicamente agregada à tatuagem.

Em meados de 2013 para 2014, tive minhas primeiras experiências com tatuagem. Na época, estava próxima de um grupo de amigos que possuíam o material e interesse na prática. Embora cada um tivesse focos individuais, estávamos muito longe de uma perspectiva profissional. Todas as pessoas do círculo se tatuaram entre si, e no impulso, as escolhas sobre os temas tatuados remeteram a estampas idealizadas na personalidade individual de cada um ali presente, expondo as suas referências e existências.

O fato é que a minha perspectiva profissional sobre a prática com *tattoo* aflorou tardiamente e, desse modo, me vejo uma tatuadora ainda inicial. Em comparação com as experiências mais antigas, vejo mais visibilidade sobre temas e estéticas regidas pelos profissionais, mais preocupação por uma capacitação institucionalizada. Além disso, o aumento de mulheres ocupando o uso desta modalidade e mais variedades nos próprios materiais para a realização dessa prática.

Panofsky (2012), ao apresentar caminhos para interpretações da iconografia, ajuda a entender que é necessário o destrinchamento dos elementos visuais e seus referentes ao tempo, para uma profunda sensação experimental estética em que o sentimento de pertencimento é utilizado como suporte para as interferências corporais como perspectivas criativas. Para o autor, as sensações experimentais estéticas devem ser compreendidas como uma legítima vertente da arte contemporânea. Na arte contemporânea a *body modification* tem a capacidade de reconstruir, replicar e reprojeter o corpo utilizando-o como suporte da arte.

Partindo de um ponto de vista mais filosófico, toda alteração corporal parece ser resultante de um desejo proveniente de uma memória ancestral. De um modo ou de outro, as pessoas, em geral, têm uma necessidade natural de uma cultura tribal. As marcas feitas sobre o corpo resgatam conhecimentos primordiais, estabelecendo uma relação tátil e visível entre o indivíduo e o cosmos. As marcas corporais adquiridas podem ser vistas como uma forma que a pessoa marcada encontra para conectar-se ao universo. (GUSSO, 2016 p. 120).



O traçado da tatuagem é encarado tanto como processo, quanto como uma consequência artística. Pode se perpetuar na trajetória de uma vida inteira e registrar as suas constâncias construídas pelos inúmeros encontros contemplados pelo afeto, o desejo, a saudade. Consequentemente, todos e quaisquer estímulos externos ou internos provocam uma reação específica, produzindo uma percepção memorável e de unidade pessoal. Faço um adendo sobre a minha proximidade mediada pelos corpos que marquei, onde sempre foi recorrente a associação ocasionada por um desejo de imortalizar algo, refletindo na marca, a pontualidade necessária da transposição do presente, do passado e do futuro. Não é apenas sobre um determinado período no tempo, mas, sobre a passagem de todos eles.

As tatuagens são biografemas. O que se infere a partir de seus registros são lembranças, amores, ficções, verdades, cacos das vidas para compor esse grande mosaico de corpo humano feito de carne, pele, picadas, cortes, pigmentos e muitos sentimentos (JEHA, 2019).

Imagem 2: Tatuagem desenvolvida sob o relato de uma recordação de infância



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

O corpo como suporte sustenta na sua espacialidade e no seu deslocamento a interação de tridimensionalidade. Dentro disso, temos as sensações, que são experimentadas, formando o seu conhecimento sobre o mundo. A arte assume uma presença que, consequentemente, a tatuagem também reverbera, possibilitando ser atuante como ferramenta de expressividade.

Vamos acrescentar aqui o padrão de orientação do corpo em relação à gravidade, como um elemento constituído pela rede de memória, fruto dos encontros do corpo com o mundo. Se nossas memórias são organizadas a partir de um conhecimento prévio de objetos comparáveis ou situações semelhantes, são memórias, no dizer de Damásio, preconceituadas pela nossa história e por nossas crenças. A memória inclui fundamentalmente nosso passado, o passado de nossa espécie biológica e de nossa cultura. (MERLINO; QUILICI, 2013, p. 98).

Assim, ao se discutir, pesquisar, investigar sobre tatuagem e seus processos de produção e criação, é impossível separar o diálogo com o corpo enquanto suporte pictórico que se entrelaça com as memórias de si, do outro e do mundo e a construção identitária. Por fim, destaco o quão importante é a linguagem artística para o universo humano, que tem a tatuagem como ferramenta de expressividade. Ela carrega em si o fruto do encontro do corpo com o mundo e o desejo de conservar algo na memória. Ao expandir para outras superfícies, a arte de tatuar revela o que marca e não limita seus fins estéticos.

## REFERÊNCIAS

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papyrus, 1995.

GUSSO, Francisco Benvenuto. A Tatuagem como linguagem artística na contemporaneidade. **Revista Vernáculo**. nº37,1º semestre 2016. p. 112-131

JEUDY, Henri-Pierre. **O corpo como objeto de arte**. São Paulo: Liberdade, 2002.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998 (Texto original publicado em 1966). p. 96-103

MERLINO, Maria Lúcia; QUICILI, Cassiano Sydow. **A trama de memória escrita no corpo**. Campinas: São Paulo, 2013.

PIRES, Beatriz Ferreira. **O corpo como suporte da Arte**: piercing, implante, escarificação, tatuagem. São Paulo: Editora Sesc, 2005.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

SILVA, Luiza Cristina Moraes. **Hepatites B e C e Infecção pelo HIV em Profissionais de Embelezamento, Estética e Tatuagem**: prevalência e fatores de risco. Dissertação (Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU em Ciências Ambientais e Saúde) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, GO, 2019.